

Leitura e surdez: um estudo com adulto não oralizado.

Elizabeth Oliveira Crepaldi de Almeida¹

Resumo

Este trabalho teve como preocupação discutir a organização interpretativa de um texto por parte de um surdo adulto não oralizado, que esteve durante toda a sua vida envolvido com língua de sinais. A tradução dos discursos de José foram realizados por uma surda fluente nas duas línguas: LIBRAS e Português. Os resultados demonstraram que o desempenho de leitura de José não foi compatível com o nível de escolaridade cursada, 4ª série do ensino fundamental, além do pouco domínio do Português e da Língua de Sinais.

A análise do resultado da leitura e relato do texto evidenciou que a pobreza do vocabulário e precariedade da alfabetização ocorreram devido ao ambiente lingüístico – interlocutores não privilegiados em LIBRAS – em que estava inserido, o que não lhe permitiu avançar em termos de simbolização.

Torna-se necessário que o surdo tenha acesso à LIBRAS com interlocutores fluentes, que tenham tido acesso às diversas fontes de conhecimento do dia-a-dia.

Abstract

His work had worried to discuss the interpretively organization of text about a deaf adult who hasn't learned to speak. That was during all your life working with Sign Language. The translation of José's speech was making by a fluent deaf in twice languages: LIBRAS and Portuguese. The result showed the performance of José's reading wasn't compatim with school level by elementary school beyond a few portuguese control and sign languagues.

The analyses result of reading and text read proved that power vocabulary and failing to teach to read and write happened by linguist atmospher – speaker isn't privileged in LIBRAS-was

included that didn't permit to move forward in symboly terms. Became necessary deaf person has acess to libras languagues with fluent speaker that have had access of much knowing ways to tell about happeness day by day.

As dificuldades de leitura e escrita apresentadas por grande parte das pessoas surdas, têm preocupado profissionais envolvidos na educação de crianças, jovens e adultos surdos há muito tempo.

Estudos têm evidenciado que crianças surdas conseguem decodificar os símbolos escritos e geralmente não apresentam dificuldades grafêmicas, mas, na maioria das vezes, não entendem o que lêem (Lane, Hoffmeister e Bahan, 1996).

Existem várias razões para esse fracasso, mas um dos grandes problemas apontados é a falta do domínio da Língua Oral. Segundo Cárnio (1995), o atraso no desenvolvimento da leitura do sur

¹ Doutora em Psicologia Educacional - UNICAMP.
Docente Titular da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC Campinas

do poderia ser decorrente da pobreza de experiências e trocas comunicativas, e não do seu nível de cognição e pensamento. Assim, havendo dificuldades no domínio de vocabulário, regras gramaticais, clareza e coesão de produção de enunciados, toda compreensão do processo de leitura ficaria prejudicado.

Entretanto, esses estudos, partem do ponto de vista da língua majoritária, isto é, o fracasso lingüístico se refere ao domínio dessa língua.

Alguns estudos indicam que o nível de leitura do surdo trabalhado numa abordagem oralista ou numa abordagem de Comunicação Total é o mesmo (Stewart, 1993, Drasgow 1993).

Sabe-se hoje que o fracasso do bimodalismo na educação ocorre porque o inglês sinalizado, ou qualquer língua sinalizada dentro da sua estrutura sintática, não são línguas naturais e sim códigos artificiais desenvolvidos por comitês, que são difíceis de serem aprendidos naturalmente (Johnson et al., apud Drasgow 1993; Stewart, 1983).

Este fato gerou uma grande insatisfação com o uso da língua sinalizada e uma busca de novos modelos para a educação do surdo, como o bilingüísmo.

Na perspectiva do bilingüísmo, podemos compreender que a aprendizagem da leitura é muito mais difícil para o surdo, porque ele está lidando com uma língua diferente da sua. Por exemplo, no Brasil os textos são escritos em português, que é uma língua diferente da LIBRAS.

Stewart (1983) verificou o que os professores pensam ser o meio apropriado de ensino da leitura para os seus alunos surdos e constatou uma atitude generalizada dos professores a favor da educação bilíngüe para crianças surdas em programas de Comunicação Total.

seria similar ao da criança ouvinte (Drasgow 1993; Erting et al., 1989, apud Drasgow, 1993). Não existe uma relação direta entre método de comunicação e leitura, mas pesquisas apontam que crianças surdas filhas de pais surdos têm melhor nível acadêmico, talvez por estarem

Alguns estudos indicam que o nível de leitura do surdo trabalhado numa abordagem oralista ou numa abordagem de Comunicação Total é o mesmo (Stewart, 1993, Drasgow 1993).

Isto indica que mesmo os professores envolvidos com programas de Comunicação Total estão buscando no bilingüísmo uma saída para suas dificuldades. É interessante notar que esses professores ainda não se deram conta das implicações dessa abordagem, uma vez que há uma mudança de paradigma em relação às concepções acerca da surdez e da língua de sinais.

Por outro lado, estudos de Woodward e Allen (1988), Newell (1990) verificaram que pouquíssimos professores se utilizam do sistema de sinais corretamente e que são inconsistentes no uso do modelo em inglês falado e que isto dificulta o desenvolvimento do surdo academicamente.

Apesar de ser proposta relativamente recente, estudos apontam para a necessidade de os surdos adquirirem primeiramente a língua de sinais para, posteriormente, aprenderem a língua majoritária oral e/ou escrita. Este aprendizado

inseridas em seu ambiente lingüístico natural desde o nascimento, de tal forma a utilizar todas as possibilidades da linguagem humana (Sanchez, 1991, Behares, 1993).

De um modo geral, independentemente do método de ensino, verifica-se que não apresentam dificuldades para decodificar os símbolos gráficos, o que mostra seu entendimento sobre o mecanismo da leitura, mas, não a compreensão do que lêem.

Esses estudos, embora enfatizem a importância da língua de sinais para o desenvolvimento acadêmico, não analisam a leitura-escrita de indivíduos surdos que dela fazem uso. Assim sendo, preocupamo-nos em verificar como adultos surdos não oralizados e usuários da língua de sinais desempenham tarefas de leitura e interpretação de textos. (Almeida, 1998; 2000). Parte desse trabalho refere-se à história de alfabetização e à análise dos dados de uma leitura realizada por

um adulto surdo, que na época da coleta dos dados havia realizado os cursos técnicos de ajustagem mecânica e ferramentaria, além de ter cursado até a 4ª série do Ensino Fundamental, em uma escola para surdos na cidade de São Paulo. Vamos chamá-lo de José.

por exemplo, CAVALO. Segundo ele, havia uma ênfase maior na sílaba inicial da palavra ao ser articulada pela professora.

Depois que um grande número de palavras já havia sido adquirido pelos alunos, passava-se à formação de frases.

xidade do objeto de leitura. As seqüências ou passos eram articulados segundo uma hierarquia de complexidade, inspirada na concepção de que a leitura pode ser aprendida pela idéia associacionista com ênfase no léxico.

A atividade de leitura e escrita parece ter ficado reduzida à mera decifração ou codificação, retirando-a do contexto em que seu sentido se dá. Parece que havia uma memorização visual da palavra e da frase, mas, não se aprendia a dar sentido ao que havia sido lido.

A natureza fragmentadora dessas operações, no ato de decifrar, codificar e memorizar sílabas, palavras e sentenças, entra em conflito com tarefas como interpretação e produção de textos. Tarefas em que o leitor deve recortar e organizar todas as suas experiências lingüísticas e não-lingüísticas para a construção e interpretação de textos, isto é, de uma unidade que não pode ser vista como uma seqüência linear de sílabas, palavras ou mesmo sentenças.

A professora usava os sinais da língua de sinais para aquisição da língua escrita do português e fazia uma correspondência termo a termo, passando a idéia de que a língua de sinais e o português fazem parte da mesma língua, e que a escrita representa a fala, ao exagerar o movimento articulatório na pronúncia das palavras que estava ensinando.

Apresento, a seguir, o primeiro texto proposto a José: "A todos os jovens craques".

Depois que um grande número de palavras já havia sido adquirido pelos alunos, passava-se à formação de frases.

Para a leitura do texto proposto não houve limite de tempo. José usou o tempo que lhe pareceu suficiente para ler, compreender e recontar, por escrito, o texto lido. Ele também relatou como foi seu processo de alfabetização.

Caso a professora fosse ensinar a palavra escrita "cavalo", mostrava a figura do cavalo e fazia o sinal de cavalo. Depois, mostrava a figura novamente, o sinal e a escrita de cavalo. Por último, quando os alunos tinham que fazer a leitura da palavra cavalo, tirava a figura e o sinal, deixava somente a palavra escrita e eles tinham que fazer o sinal correspondente à figura.

Em ditado, a professora fazia o sinal e eles escreviam o que ela havia sinalizado.

Também havia o ditado de sílabas e de palavras; por exemplo, a cada sílaba pronunciada tinha um movimento articulatório exagerado e, aí, eles escreviam –

Aparentemente, as palavras eram trabalhadas isoladamente e, depois, quando eram colocadas em frases, estas também eram trabalhadas isoladamente, não compondo um texto. A professora, segundo José, ia do mais fácil para o mais difícil e da sílaba para a palavra e depois para a frase.

A professora sinalizava praticamente sozinha durante a aula e fazia perguntas com o objetivo de avaliar o aprendizado.

Todos os alunos de sua turma usavam língua de sinais fora da sala de aula, em programações extra-escolares. Sempre se encontravam fora do ambiente escolar, o que lhe permitiu conhecer cada vez mais surdos sinalizadores.

O que me parece importante ressaltar nesse processo é que a professora formulava critérios e práticas pedagógicas tendo como referência a "incapacidade", a "deficiência" dos alunos, medida a partir de pressupostos sobre a comple-

Em seguida, apresento registro da leitura realizada por ele, sendo que a ocorrência de soletração digital por parte de José está indicada da seguinte maneira (soletrou) referindo-se à palavra anterior a essa indicação.

"A todos os jovens craques"

"Você que começa agora a praticar esse esporte maravilhoso, e quer tornar-se um craque, leia o bonito livro de Gary Lineker e aprenda os fundamentos do futebol. Pratique com dedicação, seriedade, amor e lealdade. Lembre-se, nada de violência. Essa é minha experiência, que começou no Rio Preto Esporte Clube, para ser capitão e bi-campeão mundial interclubes pelo São Paulo Futebol Clube e chegar à seleção Brasileira. Boa sorte para você, jovem craque!"

Ronaldo Rodrigues de Jesus

Leitura realizada por José

"A (soletrou) todo jovem bom Você começar agora praticar (soletrou) bola maravilhoso (soletrou) quer tornar-se (soletrou) começar ler bonito livro Gary Lineker (soletrou) aprender fundamentos (soletrou) futebol pratique (soletrou) com dedicação (soletrou) seriedade (soletrou) amor lealdade (soletrou) lembrar nada (soletrou) violência (soletrou) essa é (soletrou) minha experiência (soletrou) quer começar no (soletrou) Rio Preto (soletrou) (e fez sinal de Rio Preto) Esporte (soletrou) Clube (soletrou) para capitão bi-campeão mundo interclubes (soletrou) pelo (soletrou) São Paulo

Futebol Clube chegar a seleção (soletrou) Brasil bom sorte para (soletrou) você jovem bom."

Fez uma leitura acompanhando palavra por palavra, na ordem que aparecem no texto. A leitura para ele é vista e sinalizada ou soletrada.

A soletração foi utilizada por ele com cinco funções básicas:

- ◆ para acessar significado;
- ◆ para codificar a escrita, sem compreensão do significado;
- ◆ para suprir o desconhecimento do sinal (por ex., craque, bom);
- ◆ para acessar nomes próprios, como no caso do nome do Clube Rio Preto e nome do autor do livro Gary Lineker;
- ◆ quando não consegue relacionar o vocábulo ao sinal (por ex., praticar).

A soletração digital reflete algum conhecimento lingüístico que José possui da língua oral (como no caso do vocábulo "praticar", que, embora tendo equivalente em sinais, foi soletrado), e do português, pois

to digital utilizado na soletração das palavras do texto foi a única estratégia facilitadora para o desenvolvimento da relação fonológica na leitura e escrita, já que não lida com propriedades articulatórias. O alfabeto digital permite a soletração e a tradução para o português, já que esta forma de representação baseia-se no sistema da língua alfabética portuguesa.

Quanto ao uso de sinais, parece-me que algumas vezes José não se lembra ou não dispõe dos sinais, mas sabe o significado da palavra e usa um sinônimo; outras vezes, parece desconhecer o significado, daí o erro nos sinais. Este é um fato comum no caso de estrangeiros lendo textos em outra língua. Uma boa tradução depende do domínio das duas línguas por parte do tradutor. A tradução não é literal, depende da compreensão, do sentido e da escolha das melhores ou mais precisas palavras para expressar esse sentido. Assim, primeiro é preci-

Uma boa tradução depende do domínio das duas línguas por parte do tradutor.

a língua de sinais não utiliza artigos, preposições, conjunções, porque estão implícitas no próprio sinal, e os modos e tempos verbais, os sufixos e os prefixos são produzidos por movimentos das mãos no espaço, em várias palavras.

Acreditamos, de acordo com Lodi (1996), que o alfabe-

so compreender o texto, para depois traduzi-lo adequadamente.

Texto escrito por José, ao ser solicitado a recontar o texto lido anteriormente:

"Antes e ano nós amigamos – ouvir muito brincadeira gosto jogar e a eu sou um surdo. Voce surdo brincadeira jogar bola não eu triste."

Seu texto apresenta as seguintes características:

- ◆ elabora um relato escrito vinculado ao seu cotidiano e não à idéia central do texto. Mantém apenas uma referência ao tema do texto (futebol) e usa algumas palavras do mesmo;
- ◆ o encadeamento das idéias escritas está vinculado a um vocábulo do texto que oremete a sua experiência vivida;
- ◆ as estruturas sintáticas do texto se perdem, o próprio texto fica sem sentido, pois tenta fazer um texto contínuo, sem aplicar consistentemente as regras gramaticais do português;
- ◆ compôs o enunciado com uma palavra criada, "amigamos", que quer dizer alugamos, de acordo com a intérprete;
- ◆ utiliza alguns elementos de ligação nas frases, como artigo e pronomes pessoais. Na frase: "Eu sou um surdo", mostrou pleno domínio das regras de construção sintática.

Na perspectiva em que abordamos a questão, acreditamos que se José tivesse tido melhores oportunidades de ensino do português, com um professor bilíngüe e adultos surdos bilíngües e mais contato com a escrita, sua leitura teria se desenvolvido de forma a permitir maior domínio da língua escrita, pensando em português escrito.

A compreensão, pelo leitor ouvinte, do encadeamento das idéias desse material escrito, se realiza com esforço, pois essa escrita utiliza princípios de constru-

ção da língua de sinais. Ou seja, o pouco domínio das regras do português resulta numa mistura com parâmetros da língua de sinais, e o texto adquire uma forma telegráfica, aos olhos do leitor português.

Parece que José capta a significação de algumas palavras que estão contextualizadas e que apresentam um sentido literal. Isso evidencia uma certa familiaridade com o assunto do texto, mas a pobreza de experiências lingüísticas limita sua compreensão aos aspectos relacionados somente com as suas vivências anteriores adquiridas do convívio social.

Muito há que se pesquisar sobre a compreensão de leitura na surdez. Neste trabalho, procuramos mostrar que é possível mudar o quadro atual, proporcionando condições para que os alunos surdos ampliem seu conhecimento de mundo, o que só vai ser possível através do acesso a uma língua, ou, no caso apresentado, de duas línguas: a de sinais e o português. Embora tenha feito pouco uso de sinais na leitura, revelando a sua dificuldade de tradução, o adulto deste trabalho domina a Língua Brasileira de Sinais e a utiliza com interlocutores surdos.

Embora use língua de sinais, existe uma restrição do vocabulário de sinais. Processa os símbolos escritos através do alfabeto digital e dos sinais. Utiliza também a soletração digital na leitura com as conotações (como já descritas), de:

- ◆ empréstimo lingüístico, como no caso de nomes próprios;
- ◆ refletindo o conhecimento que possui da língua de sinais;
- ◆ para acessar significado;
- ◆ para codificar a escrita, sem compreensão do significado;
- ◆ quando não consegue relacionar o vocábulo ao sinal.

Concordamos com Lodi (1996), quando afirma que o alfabeto digital pode tornar-se um código importante de acesso às informações escritas, funcionando como mediador fonológico para compreensão do significado de algumas palavras traduzidas. Salienta, também, que a utilização desta estratégia (soletração digital) por uma de suas crianças surdas, testadas no aprendizado da leitura, "demonstrou um desempenho muito superior às demais crianças" (p. 233).

Assim, ao utilizar a soletração digital, ao mesmo tempo em que revela a dificuldade de encontrar equivalentes lingüísticos na tradução para a língua de sinais, esses surdos recorrem a um importante recurso de transcrição, lendo as palavras na língua de origem, que podem ser compreendidas ou não, dependendo do conhecimento lingüístico desta língua por parte do leitor.

O surdo aprendiz de uma segunda língua somente será capaz de utilizar as informações desta nova língua, de forma a observar, comparar e concluir, tendo como base os construtos internos e hipóteses mentais adquiridos através da primeira língua.

Acredito que isto somente será possível se o surdo estiver inserido num programa de Bilingüismo em que a língua de sinais seja desenvolvida e explorada com crianças surdas, por meio de adultos surdos de sua comunidade, o mais cedo possível.

Este surdo teve, sem dúvida, experiências educacionais empobrecidas, pautadas na busca do significado literal do vocábulo e não de forma a buscar um sentido ao texto. O texto praticamente não existia no início de sua experiência acadêmica e quando este estava presente, parece ter sido de má qualidade.

De acordo com Foucambert (1994).

"Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si, por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu." (p. 30).

Para tanto, torna-se necessário que o surdo tenha acesso às diversas fontes de conhecimento que se referem aos acontecimentos do dia-a-dia.

Só assim ele poderá realizar julgamentos sobre o sentido do tex-

to e se posicionar diante do que outro autor produziu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, E. O. C. de. *Quem vê cara não vê coração—Leitura e Surdez: um estudo com adultos não oralizados*. Tese de Doutorado, Educação - UNICAMP, 1998.

ALMEIDA, E. O. C. de. *Leitura e Surdez: Um estudo com adultos não oralizados*. Editora Revinter, 2000.

CÁRNIO, M.S. *Conceitos e compreensão de leitura e escrita no contexto da educação especial*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 1995.

DRASGOW, E. *Bilingual/bicultural deaf education: An overview*. Sign Language Studies 80:243–265, 1993.

FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KYLE, JG. *Compreendendo o desenvolvimento dos sinais: uma base para o Bilingüismo*. In Moura MC, ABC, Lodi e Pereira, MCC (org.): *Língua sinais e educação do surdo*. São Paulo, Tec Art, 1993.

LINEKER, G. *O jovem craque*. Editora Manole, 1994. p. 4

LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. *A journey into the deaf-world*. Califomia: DawanSignPress, 1996.

LODI, A. B. C. *Leitura e escrita em crianças surdas: um estudo das estratégias utilizadas durante o período de aprendizagem*. Tese de mestrado, PUCSP, 1996.

NEWELL, W.; STINSON, M.; CASTLE, D. et al. *Simultaneous communication: A description by deaf professionals working in educational setting*. Sign language studies 69: 391 – 414, 1990.

STEWART, D. A. *Bilingual education: Teachers opinion of signs*. Sign Language Studies 39:145-167, 1993.

STEWART, D. A. *Pesquisa sobre o uso de sinais na educação de crianças surdas*. In MOURA, M. C.; LODI, A. B. C. e PEREIRA, M. C. (Eds.): *Línguas de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art, 1993.

WOODWARD, J.; ALLEN, T. *Classroom use of artificial sign systems by Teachers*. Sign Language Studies, 61: 405-18, 1988.